



REVISTA

PENSAR
Geografia



ISSN: 2527-0040

DOI: 10.26704/rpgeo

RELACIONANDO TEORIA VERSUS PRÁTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O IDOSO NO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO SERIDÓ/RN

Josimar Araújo Medeiros¹; João Eduardo Azevedo da Costa²

¹Doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela UFRN, Docente da Rede Estadual de Ensino do RN e da Faculdade Católica Santa Teresinha – FCST. josimarsaojosedoserido@gmail.com

²Graduado em Geografia pela UFRN, Estudante do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia – GEOPROF. joatrajano.geoprof@gmail.com

Artigo recebido em 02/12/2021 e aceito em 28/12/2021

RESUMO

O projeto a Pesquisa como Estratégia Metodológica no Ensino da Geografia Escolar (PEMEGE), objetivou contribuir para que os alunos compreendessem, a partir da discussão sobre envelhecimento da população brasileira, as políticas públicas existentes no município, cujo foco é o atendimento das demandas da população idosa. Para o desenvolvimento, realizaram-se aulas expositivas dialogadas e discussão sobre “Senilidade, bem-estar e políticas públicas” contido no livro. Doravante, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas sobre a temática: políticas públicas voltadas ao bem-estar do idoso na municipalidade, com representantes de secretarias municipais. Por fim, a culminância do trabalho, evento realizado no auditório da Unidade de Ensino, em que os discentes apresentaram os resultados das pesquisas, para a comunidade escolar. O itinerário do trabalho, representa uma contribuição para o meio acadêmico e profissional da Geografia escolar, pela forma sutil de articulação entre teoria e prática, concorrendo para que o objetivo delineado fosse alcançado. Logo, representa uma proposta habilitada à replicação no ensino de Geografia.

Palavras chave: Ensino de Geografia. Metodologia ativa. Terceira idade. Contextualização.

ABSTRACT

The project Research as a Methodological Strategy in Teaching Geography at School (PEMEGE), aimed to help students understand, from the discussion on the aging of the Brazilian population, the public policies existing in the municipality, which focus on meeting the demands of the population old woman. For development, there were dialogued expository classes and discussion on “Senility, well-being and public policies” contained in the book. Henceforth, semi-structured interviews were applied on the theme: public policies aimed at the well-being of the elderly in the municipality, with representatives from municipal departments. Finally, the culmination of the work, an event held in the auditorium of the Teaching Unit, in which students presented the results of research to the school community. The work's itinerary represents a contribution to the academic and professional environment of school Geography, due to the subtle form of articulation between theory and practice, contributing to the achievement of the outlined objective. Therefore, it represents a proposal capable of replication in the teaching of Geography.

Keywords: Teaching Geography; Active methodology; Third Age; Contextualization.

1 Introdução

De acordo com as Referências básicas para a organização do trabalho pedagógico das Escolas Estaduais do Rio Grande do Norte (BRASIL, 2018, p. 17), “Na educação contemporânea são latentes as questões que dizem respeito à inclusão e ao protagonismo dos estudantes.” Dialogando nessa mesma linha de pensamento, Diesel et al. (2017, p. 2017) lembraram que

“[...] em oposição às experiências pedagógicas “sólidas” e conteudistas, as atuais demandas sociais exigem do docente uma nova postura e o estabelecimento de uma nova relação entre este e o conhecimento, uma vez que cabe a ele, primordialmente, a condução desse processo.

Observando as análises de Morais et al. (2014); Silveira et al. (2014); Mafra e Flores (2017); Paz (2018); Medeiros e Azevedo (2020), a pesquisa avaliada como sendo importante ferramenta didático-pedagógica indispensável à viabilização do processo de ensino e aprendizagem, poderá ser realizada tanto no “chão da sala de aula”, como em qualquer outra parcela do espaço geográfico que não seja, necessariamente as dependências físicas da instituição. Conforme Klug et al. (2015, p. 75) o “[...] professor-pesquisador encontra na pesquisa, enquanto metodologia de ensino, um importante instrumento para que o aluno possa tomar consciência da presença da Geografia no seu cotidiano.

Contribuindo com o debate, Silva e Pinheiro (2018) destacaram que ao longo século XX, o papel do docente que atuava na educação básica no Brasil era de caráter passivo no que se refere à produção, confronto e ressignificação do constructo teórico e metodológico produzido fora do âmbito escolar e que, não raras vezes, não dialogava com o “chão da escola”. O pensamento dominante era de que era impossível “[...] conciliar o ato de ensinar com o de pesquisar, uma vez que essa era percebida como uma atividade a ser desempenhada por “pessoas preparadas” e até por “seres iluminados e vocacionados”, mas não para o professor que estivesse fora do campo universitário. (SILVA; PINHEIRO, 2018, p. 167). Essa

assertiva nos conduz ao entendimento de que a ideia de inserção da pesquisa no ensino básico no plano nacional é recente. Diesel et al. (2017), chama atenção para a necessidade de mudanças na práxis docente, transformando “[...] a racionalidade técnica de um fazer instrumental para uma perspectiva que busque ressignificá-la, valorizando os saberes já construídos, com base numa postura reflexiva, investigativa e crítica. (DIESEL et al., 2017, p. 270).

De acordo com Silva e Pinheiro (2018) embora a pesquisa tenha um incremento no âmbito acadêmico, com relação a educação básica, local de atuação de um grande número de geógrafos, ainda é muito inconsistente, quando não inexistente. Embora Silveira et al. (2014, p. 127) ressalte que as “[...] demandas que emergem do saber geográfico agora são outras, mais específicas e urgentes.” Ademais, o cerne do PEMEGE é prover uma aproximação efetiva entre a Geografia escolar e a realidade vislumbrada no local onde o aluno reside, unindo e associando o que estava separado, capaz de “[...] estabelecer uma comunicação com base num pensamento complexo.” conforme sugere Morin (2007, p. 37).

O professor de Geografia, portanto tem uma função importante, agindo como mediador no processo educativo, selecionando os materiais adequados de acordo com os conteúdos a serem ministrados, desenvolvendo metodologias apropriadas aos assuntos estudados, elaborando projetos e outras atividades importantes para a aprendizagem de conceitos e a leitura geográfica, contextualizando sempre com a realidade dos sujeitos do processo pedagógico (REGO et al., 2000; SILVA; MACÊDO, 2017; MAFRA; FLORES, 2017; PAZ, 2018).

Em corroboração com essa assertiva, Brasil (2017); Medeiros (2019) lembraram que é a partir da participação dos indivíduos inseridos na comunidade escolar que se empreenderá a longo prazo uma educação regida por uma nova cultura, valores e sensibilidade a respeito da natureza, neste caso, incluindo o homem. Conforme Silva (2018) no contexto escolar o estudo do meio consiste em uma ferramenta para consolidar o sentimento de pertença, uma vez que

possibilita que os discentes conheçam e compreendam sobre o ambiente em que vivem, “[...] identificando-se como atores de transformação e capacitados a buscar soluções dentro de um mundo tão complexo marcado pelas intolerâncias culturais/religiosas e conflitos socioambientais.” (SILVA, 2018, p. 133). Morais et al. (2014); Medeiros e Azevedo (2020) denominam essa articulação entre teoria e prática de educação contextualizada, prática em que o professor associa o conhecimento científico com a realidade do aluno (a práxis). Parafraseando Diesel (2017, p. 271) salientaram que “É nessa perspectiva que se situa o método ativo, como uma possibilidade de deslocamento da perspectiva do docente (ensino) para o estudante (aprendizagem) [...]”. Essa constelação de abordagens conceituais definindo as pretensões do PEMEGE é contemplado no excerto de Morin (2007, p. 86), ao destacar que “É a contextualização que sempre torna o conhecimento pertinente.”

Com relação ao Ensino de Geografia escolar é imprescindível desenvolver a prática de educar pela pesquisa, tanto por parte do professor, quanto por parte do aluno (PAZ, 2018; MEDEIROS, 2019; MEDEIROS; AZEVEDO, 2020). A partir dessa prática, inevitavelmente ocorrerá a produção do conhecimento individual e coletivo.

Ao assumirem o papel de pesquisadores, os alunos ganham uma primeira noção do que será mais incentivado durante o período da graduação e aprendem a não receberem informações prontas. (FARIAS, 2019). De acordo com Azambuja (2012) o trabalho de campo e a pesquisa acompanha a Geografia desde a sua constituição como Ciência Moderna. Corroborando com essa ideia, Morais et al. (2014, p. 28) ressaltaram que o professor de Geografia precisa “[...] reinventar práticas que evidenciem a importância da Geografia para o aluno no contexto da escola, mas, sobretudo da vida.”

Na sua análise sobre o assunto, Mafra e Flores (2017, p. 8) ressaltaram que a prática de campo realizada na educação básica

“[...] é uma alternativa que pode romper com o chamado “ensino tradicional” por permitir a verificação de determinados processos e aspectos naturais e/ou sociais da realidade e

relacioná-los ao dia-a-dia do discente de forma a proporcionar uma observação direta dos fenômenos estudados e o rompimento com uma visão abstrata dos conteúdos (MAFRA; FLORES, 2017, p. 8).

O ensino de Geografia na escola e a utilização da pesquisa na educação básica são entes imprescindíveis à formação escolar e social do sujeito, produzindo dessa maneira um conhecimento sistematizado em torno do objeto estudado, das relações socioespaciais e do espaço geográfico em sua totalidade. Em concordância com essa ideia, Azambuja (2012, p. 182) salienta que “Relacionar trabalho de campo e ensino de Geografia na Educação Básica atende a perspectiva de renovação didática desta ciência”.

O professor de Geografia, de acordo com Silveira et al. (2014); Silva e Macêdo (2017), tem uma função importante, agindo como mediador no processo educativo, selecionando os materiais adequados de acordo com os conteúdos a serem ministrados, desenvolvendo metodologias apropriadas aos assuntos estudados, elaborando projetos e outras atividades importantes para a aprendizagem de conceitos geográficos. Além disso, ele também pode contextualizar os assuntos com a realidade dos sujeitos do processo pedagógico. De forma emblemática, Morais et al. (2014, p. 28) analisaram essa questão ressaltando que “Precisamos alçar voos, desvendar novos horizontes, reinventar-se e inventar práticas que evidenciem a importância da geografia para o aluno no contexto da escola, mas, sobretudo da vida.” Com referência a questão logística, justificativa para que muitos profissionais, especialmente de escolas da rede pública não se embrenhem por esse caminhos, Silveira et al. (2014, p. 140) lembraram que a realização de atividades de campo, “[...] não são necessários grandes expedições para lugares distantes para atingir resultados satisfatórios, pois o entorno da escola pode ser o laboratório.”

A necessidade de atividades no ensino de Geografia que possam promover leituras da realidade onde os alunos estão inseridos e buscar por soluções para os problemas que permeiam o seu cotidiano, um dos fatores que

motivou a realização do presente projeto, está contemplada na definição de atitude proposta por Tuan (1980, p. 4) como sendo uma “[...] postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências.” Na mesma baliza conceitual, Morin (2007, p. 58) lembra que “Um conhecimento só é pertinente na medida em que se situa num contexto.”

Diante desses antecedentes, o PEMEGE objetivou contribuir para que os alunos compreendessem, a partir da discussão sobre envelhecimento da população brasileira, quais as políticas públicas existentes no município de São José do Seridó/RN, cujo foco é o atendimento das demandas dessa faixa etária residente na municipalidade.

2 Procedimentos metodológicos

2.1 Características do local do estudo

O trabalho desenvolveu-se no segundo semestre do ano de 2019 na Estadual Professor Raimundo Silvino da Costa - EEPSC, localizada na rua Joaquim Loló, nº 370, centro de São José do Seridó/RN, sob a jurisdição da 10ª DIREC, vinculada à Secretaria de Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte. (Figura 1).

Figura 1: Detalhe da localização geográfica da municipalidade da pesquisa e vista parcial da EEPSC, onde executou-se o trabalho.



Fonte: Acervo particular de J. E. A. C.

Em 2019, a EEPSC atendia a um total de 158 alunos (as), oriundos das zonas urbana e rural, nos horários vespertino e noturno e com horário semi-integral às terças-feiras. O público alvo selecionado para desenvolvimento do PEMEGE foi a turma do 2º ano “A” do ensino médio, com um total de 27 discentes matriculados.

Doravante, será descrito o itinerário com atividades desenvolvidas em sala de aula, pesquisa de campo e a culminância do projeto. Essa última realizada com a participação da comunidade escolar.

2.2 Procedimentos

Para o desenvolvimento do PEMEGE, inicialmente, realizaram-se aulas expositivas dialogadas com o auxílio de projetor multimídia, ensejo em que ocorreu à apresentação dos aspectos metodológicos, discussão do conteúdo a ser discutido “Senilidade, bem-estar e políticas públicas” contido no livro didático adotado pelo componente curricular Geografia, para o triênio 2018-19-20, na EEPSC (SILVA; FURQUIM JÚNIOR, 2016, p. 95). Tendo como meta o aprofundamento das questões, foram sugeridas pesquisas pela internet e na biblioteca da própria escola acerca da problemática do envelhecimento da população com destaque para o Brasil. Permeando essa discussão, também se discutiu sobre a importância da pesquisa no ensino da geografia escolar e as contribuições à formação cidadã dos sujeitos.

Doravante, a pesquisa de campo foi efetivamente iniciada. Para isso, com o intuito de fortalecimento de vínculos e promoção do trabalho em equipe, a partir da produção do

conhecimento individual e coletivo, os alunos foram divididos em três grupos através de sorteio. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas sobre a temática: políticas públicas voltadas ao bem-estar do idoso na municipalidade.

As equipes ficaram assim divididas. O **grupo 1** ficou incumbido de entrevistar funcionários da Secretaria Municipal de Trabalho, Habitação e Assistência Social – SEMTHAS. O **grupo 2**, funcionários da Secretaria Municipal de Saúde – SESAD, enquanto o **grupo 3**, da Secretaria Municipal de Obras Públicas, Infraestrutura e Trânsito – SEMOPIT¹.

Antecedendo as visitas, o professor coordenador do projeto fez agendamento com os profissionais entrevistados. Após a realização das entrevistas, os grupos reuniram-se individualmente com a coordenação para discutir os resultados do trabalho. (Figura 2).

Figura 2: Detalhe de membros de um dos grupos na biblioteca da ESPRSC, discutindo e recebendo orientações sobre a organização da pesquisa realizada para apresentar resultados à comunidade escolar.



Fonte: Arquivo pessoal de J. E. A. C.

No ensejo, orientações foram feitas para análise dos dados colhidos nas respectivas pesquisas. As entrevistas semiestruturadas realizados orbitaram em torno das seguintes variáveis: políticas públicas desenvolvidas em prol do bem-estar do idoso São José seridoense; atividades que estão sendo executadas, visando à promoção do bem-estar dos idosos; impactos dessas políticas públicas no bem-estar dessa parcela da população.

Também foram feitos questionamentos elaborados e acrescentados pelos componentes de cada grupo específico antes e durante as respectivas entrevistas, conforme as particularidades dos órgãos pesquisados.

Por fim, ocorreu a culminância do trabalho realizado. Em evento no auditório da ESPRSC os grupos apresentaram os resultados das pesquisas, com uso do projetor multimídia. Após o término das apresentações dos seminários, o professor/coordenador mediou amplo debate entre os componentes dos respectivos grupos de pesquisa, para socializar e sistematizar os conteúdos abordados e a construção do conhecimento através da pesquisa como princípio educativo, vinculada ao ensino de Geografia na escola e a formação cidadã do alunado. Essa proposta metodológica é caracterizada por Thiollent (1996) como pesquisa-ação, uma vez que as condições de captação da informação empírica são marcadas pelo caráter coletivo do processo de investigação: uso de técnicas de seminário, entrevistas coletivas, reuniões de discussão com os interessados. É importante ressaltar que esse momento contou com a participação da Equipe Diretiva da instituição e de todos os alunos das demais séries que no ensejo se encontravam em sala de aula, representações do conselho escolar e do grêmio estudantil.

3 Resultados e discussões

3.1 Das atividades em sala de aula

Para o desenvolvimento do PEMAGE fez-se necessário inicialmente, realizar um planejamento envolvendo todas as etapas do processo de execução da pesquisa, já que “[...] o planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação”. (LIBÂNEO, 2013, p. 245).

Nas atividades em sala de aula, retomou-se o conteúdo do livro didático sobre envelhecimento da população mundial e brasileira (SILVA; FURQUIM JÚNIOR, 2016), abordado nas aulas ministradas

¹ O entrevistado da SEMTHAS foi o então secretário F. A. S. J. Na SESAD foram entrevistados os Enfermeiros M. G., N. R. e o Professor de Educação Física L. G. Na SEMOPIT o entrevistado foi R. B. A., Coordenador da Secretaria

Municipal de Obras Públicas, Infraestrutura e Trânsito – SEMOPIT.

anteriormente pelo professor titular da disciplina Geografia na ESPRSC. Partindo desse ponto, selecionou-se o subtópico do livro denominado: “a senilidade, bem-estar e políticas públicas” (SILVA; FURQUIM JÚNIOR, 2016, p. 95), enfocando à população idosa do município de São José do Seridó/RN, levando em consideração o ensino de Geografia na escola, o lugar de vivência do alunado e a escola como espaço das relações socioculturais e de construção do conhecimento. Aliado a isso, Silva e Pinheiro (2018, p. 165) ressaltaram que “A escola deve, com base nos aportes pedagógicos e didáticos, significar e ressignificar os conteúdos e conceitos geográficos, sempre atenta as demandas sociais em geral e em especial da comunidade do entorno.” É o conhecimento pertinente que para Morin (2007, p. 86) é fundado “[...] numa atitude que consiste em contextualizar o saber.”

Antes e durante à aplicação do projeto de ensino, realizou-se pesquisas em sala de aula através do livro didático e na biblioteca da escola. Como ferramentas alternativas de pesquisas utilizou-se o espaço virtual a partir das novas tecnologias (celulares, computadores, internet), bem como, pesquisas de campo. Utilizou-se a pesquisa com o intuito de instigar a curiosidade dos discentes e a produção do conhecimento, através da investigação acerca das políticas públicas existentes no município resultantes de preocupações com a população idosa. Esse itinerário antecedendo o trabalho de campo também foi seguido por Silveira et al. (2014). Conforme Azambuja (2012, p. 182) “Relacionar trabalho de campo e ensino de Geografia na Educação Básica atende a perspectiva de renovação didática desta ciência”. Em concordância com essa ideia, Silva e Pinheiro (2018, p. 168) ressaltaram que “O desenvolvimento da escola como campo de pesquisa municia o professor com subsídios para manter um diálogo profícuo com as mais variadas áreas do conhecimento.”

As atividades foram desenvolvidas no período de quatro semanas, do segundo semestre do ano de 2019, coordenadas pelo professor responsável pela execução do projeto. Para Farias (2019, p. 188) a experiência do trabalho de campo é

importante que seja “[...] planejada pelo professor, pois ele é o mediador do conhecimento. Já ao aluno, cabe a reflexão sobre a experiência e as conclusões sobre como os conceitos se organizam na teoria e a forma como eles se dispõem na prática.”

A execução do projeto em sala de aula, iniciou-se com duas aulas expositivas dialogadas, com o auxílio de projetor multimídia. No ensejo, realizou-se à apresentação da proposta e da temática de pesquisa e a discussão dos conteúdos. No ensejo, iniciaram-se as discussões sobre senilidade, bem-estar e políticas pública contidos no livro didático. À medida que a exposição se efetivou em sala de aula, o feedback dos alunos fluía a partir da interpolação de questionamentos e/ou opiniões (Figura 3). Concordando com essa ideia Paz (2018) ao relatar que a voz do aluno deve ser valorizada durante a aula.

Figura 3: Detalhe da atividade em sala de aula de desenvolvimento do PEMEGE.



Fonte: Arquivo pessoal de J. E. A. C.

Durante a discussão inicial, abordou-se a importância da pesquisa no ensino da geografia escolar na educação básica e as contribuições necessárias à formação escolar e cidadã do sujeito. Também foram feitos questionamentos aos discentes sobre políticas públicas, bem-estar e senilidade da população, inclusive no município de São José do Seridó. Constatou-se que um número reduzido de alunos (cerca 40%) conseguiu demonstrar domínio sobre o conceito de políticas públicas (PP). Quando questionados sobre exemplos práticos de PP, nenhum exemplo foi relatado. Sobre o conceito de bem-estar, demonstraram ter clareza e domínio, embora não se

mostraram seguros na definição de senilidade. A partir desse momento prévio, apresentou-se em slides, com amplo processo de discussão, os conceitos de senilidade, bem-estar e políticas públicas. Aliado a essa ideia, Cavalcanti (2015) ressaltou que na literatura, há indicações suficientes para afirmar que as dificuldades de tornar o ensino de geografia propiciador de aprendizagens significativas têm relação, não direta, mas efetiva, com o desafio de motivar os alunos. Corroborando com esse pensamento, para Brasil (2017) cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas à abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora.

É importante salientar que a partir do primeiro contato em sala de aula, por iniciativa dos alunos (as) criou-se um grupo de WhatsApp, intitulado pelos mesmos de “Grupo de Pesquisa Joãozinho”. A partir desse canal de comunicação virtual, foi possível acompanhar o andamento das atividades de pesquisa, bem como propor sugestões e novas orientações individuais e/ou coletivas. Utilizou-se também o Facebook, Instagram e o e-mail. Esses canais de comunicação virtual proporcionaram uma maior agilidade no desenvolvimento das atividades. Essa informação é apoiada por Cavalcanti (2015) ao ressaltar que essas adaptações são relevantes na lida com a linguagem dos jovens e com a maior presença de seus artefatos tecnológicos (celular, iPhone, mp3, mp4, *tablet*, entre outros), além de ferramentas que apresentam um fulcro motivador. A autora acrescentou ainda que “Tudo isso é relevante para identificar elementos de motivação dos jovens e para estabelecer vínculos da escola e do ensino de geografia com esses elementos.” (CAVALCANTI, 2015, p. 121). Diesel et al. (2017, p. 273) corroboram com essa ideia ressaltando que no contexto atual os alunos são agora “[...] globais, vivem conectados e imersos em uma quantidade significativa de informações que se transformam continuamente, onde grande parte delas,

relaciona-se à forma de como eles estão no mundo.”

Durante todo o processo de execução do PEMAGE, tentou-se criar na sala de aula um ambiente de diálogo com os alunos. Por conseguinte, potencializando a capacidade dos discentes de empoderamento quanto a emissão de opinião própria acerca dos temas discutidos. Ou seja, uma postura capaz de promover a mediação entre o objeto de estudo, os conteúdos e a autonomia dos discentes e, conseqüentemente a viabilização do processo de ensino e aprendizagem, posição que encontra respaldo em Demo (2012) ao destacar a necessidade do professor apresentar-se “[...] na condição de orientador, [...] como um parceiro de trabalho”. Com uma postura capaz de orientar “[...] o questionamento reconstrutivo no aluno, e não como repassador de conhecimento e controlador deste processo de repasse” (DEMO, 2012, p. 38). De acordo com Rego et al. (2000, p. 79) “O ensino nessa abordagem supera a dicotomia entre os conteúdos, a mutilação do pensar do aluno e a distância entre conteúdo e realidade.”

Concluído o processo de nivelamento de informações sobre a temática do projeto e sobre os procedimentos ocorreu o processo de divisão da turma em três grupos para início da pesquisa de campo, a partir das perguntas formuladas, objeto das inquietações doravante.

3.2 Das pesquisas de campo e seus resultados

As pesquisas de campo foram acompanhadas pelo professor coordenador do projeto, mediante agendamento prévio nas instituições onde as entrevistas foram realizadas. O Grupo 1, ficou incumbido de realizar o trabalho de entrevista na SEMITAS. Para aludida tarefa foi designado o Secretário da pasta. O Grupo 2, as entrevistas foram realizadas com três profissionais (dois da áreas de enfermagem e um Educador Físico) vinculados à SESAD, enquanto os membros do Grupo 3, entrevistaram o coordenador de obras da SEMOPIT. (Figura 4).

Figura 4: Detalhe das entrevistas realizadas na SEMITAS e na SESAD, respectivamente.



Fonte: Arquivo pessoal de J. E. A. C.

Concluída essa etapa, a coordenação dos trabalhos reuniu-se separadamente com os membros de cada grupo, ensejo em que foram discutidos os dados coletados e realizados encaminhamentos sobre a organização das informações com vistas a apresentação no momento da culminância realizada para a comunidade escolar. Por fim, realizou-se a culminância das pesquisas realizadas por cada grupo, evento realizado no auditório da EEPRSC. Representantes de cada grupo apresentaram, com o auxílio de projetor multimídia e através de slides, os resultados das pesquisas realizadas para a comunidade escolar presente. Em concordância com essa ideia, Klug et al. (2015, p. 67) salientaram que “[...] o papel do professor tende a ser determinante, visto que, potencializa formas de interação com o conhecimento.” Essa dinâmica nas aulas de Geografia está contemplado no trabalho de Diesel et al. (2017,

² Denominação dada ao imóvel municipal, localizado na zona urbana da cidade, destinado a moradia de

p. 270), ao ressaltar que “[...] há necessidade de os docentes buscarem novos caminhos e novas metodologias de ensino que foquem no protagonismo dos estudantes, favoreçam a motivação e promovam a autonomia destes.” É denominado pelos autores de Metodologia Ativa (DIESEL et al., 2017). (Figura 5).

Figura 5: Detalhe da culminância do projeto realizado no auditório da ESPRSC, com a participação da equipe diretiva e alunos das demais turmas que se encontravam no ensejo na unidade de ensino.



Fonte: Arquivo pessoal J. E. A. C.

O Grupo 1, cujo trabalho foi realizado frente a SEMTHAS, realizara a apresentação sobre a temática: o envelhecimento e a importância de cuidar, respeitar e dar atenção à pessoas na terceira idade (TI). Também apresentaram, em caráter introdutório, informações gerais sobre a lei nº 11.433 de 28 de dezembro de 2006, sancionada para comemorar o dia nacional do idoso e sobre os direitos básicos previstos no Estatuto do Idoso. Por fim, ressaltaram as ações públicas implementadas no escopo local cujo foco é a melhoria da qualidade de vida na população na TI. Foram relatados os encontros semanais, com atividades como o “forró dos idosos”, passeios e encontros religiosos em municípios circunvizinhos, terapias ocupacionais, jogos, brincadeiras, atividades recreativas, a maioria realizada no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS. Outra ação pública relatada foi à assistência ao Palácio da Sabedoria², através de repasses em dinheiro no valor de três salários mínimos mensais, pela Prefeitura Municipal, via SEMTHAS.

idosos, que não tem amparo familiar e com limitações para morar sozinho.

O Grupo 2, cujo trabalho realizou-se junto a SESAD, apresentou a temática: a importância de cuidar da saúde da pessoa idosa. Entre as ações municipais nesse plano, levantadas na entrevista realizada, foram relacionadas: campanhas de vacinação, monitoramento individual da saúde, atendimentos ambulatoriais na Unidade Básica de Saúde Maria Fausta de Medeiros Dantas e em domicílios pela equipe de saúde (quando necessário), bem como atendimentos mensais de rotina no Palácio da Sabedoria. Ainda relativo a referida secretaria, destacou-se os projetos desenvolvidos pelo Núcleo de Apoio à Saúde da Família – NASF, como: Atividades Físicas (academia na praça) com os idosos duas vezes por semana com acompanhamento de um profissional de Educação Física. Outras ações relatadas na alçada da SESAD foram: auriculoterapia para idosos, pela fonoaudióloga que atua na rede pública municipal, atendimento psicológico e na área de nutrição.

O Grupo 3, responsável por entrevistar representantes da SEMOPIT, discorreu na apresentação sobre: ações voltadas à manutenção e obras de infraestrutura para acessibilidade em prédios e vias públicas. Nesse campo, foram relatados a construções de rampas em calçadas, implantação de corrimãos em escadas e em banheiros situados nos prédios públicos (**Figura 6**). Concluídas as apresentações, realizou-se intenso debate entre os alunos responsáveis pelas apresentações e demais presentes no evento. Esse itinerário de ensino proposto pelo PEMEGE, para Rego (2000); Oliveira (2017); Paz (2018); Medeiros (2020); Medeiros e Azevedo (2020) procura mostrar aos educandos uma visão crítica sobre a realidade e encorajá-los a enfrentar os problemas expostos pela sociedade. Para Silva e Pinheiro (2018) ajuda a tornar a escola mais dinâmica e traz para dentro de cada sala de aula a complexidade do mundo atual, sendo ponto fundamental para entender, sempre de forma crítica e reiterada, a realidade escolar, sua função social e as demandas sociais da comunidade.

Figura 6: Detalhe de obras físicas existentes na municipalidade, de grande relevância no atendimento às necessidades da população idosa: equipamentos para a prática de exercícios na academia da praça e o palácio da sabedoria, cuja manutenção em parte conta com repasse de verba municipal.



Fonte: Arquivo pessoal de J. E. A. C.

Após o término das apresentações, realizou-se debate entre os componentes dos respectivos grupos de pesquisa e os demais presentes no auditório. Esse percurso metodológico está de acordo com o proposto por Brasil (2017) ao salientar que os sistemas de ensino e as escolas devem construir seus currículos e suas propostas pedagógicas, considerando as características de sua região, as culturas locais e as demandas e aspirações dos estudantes. Outro documento alinhado com esse percurso são as Referências básicas para a organização do trabalho pedagógico do RN (BRASIL, 2018, p. 29) ao destacar que entre os objetivos da educação no RN estão: “integrar as experiências de ensino-aprendizagem na vida pessoal e profissional cotidiana e estar estreitamente relacionado com a vida local.” Alinhado com esse diálogo, Oliveira (2017) ressaltou que estamos certos da necessidade de um Ensino Médio público e de qualidade, da mesma forma que a

obrigatoriedade da Geografia se faz necessária, ao passo que esta disciplina propicia o conhecer e o intervir no mundo de forma crítica e consciente.

Embora não estivesse no itinerário inicial do PEMEGE, dois produtos que fluíram naturalmente, fruto do protagonismo dos alunos, valem ser relatados. O primeiro refere-se a produção de gráficos com informações demográficas coletadas sobre o município, trabalho coordenado pelo professor que esteve a frente das atividades. O segundo foi a iniciativa de realização de uma visita ao Palácio da Sabedoria. Como parte da ação, realizaram uma campanha para arrecadação de produtos não-perecíveis (artigos de higiene pessoal, limpeza e alimentos), para doação a instituição. Para isso, os alunos realizaram uma campanha solidária através dos meios de comunicação virtual e local: “WhatsApp, Facebook, Instagram e Rádio Comunitária Bonita FM”. (Figura 7). Esse itinerário está em conformidade com o pensamento de Silveira et al. (2014) ao ressaltarem que embora o planejamento seja fundamental e tenha caráter norteador na prática das aulas de campo, a improvisação e a criatividade devem ser igualmente consideradas. Conforme Farias (2019) o envolvimento dos alunos permite que a experiência seja algo com que eles possam se identificar pessoalmente enquanto estão ativamente participando de uma atividade, como trabalho de campo. Na sua leitura sobre o assunto, Medeiros (2019) relatou que a experiência aqui aludida deixa evidente que a escola pode ser o espaço onde a Geografia contribua para que o espaço vivido pelos educandos seja apareça na práxis dos seus pensamentos e ações. Rego et al. (2000, p. 82) ressaltaram “[...] a necessidade de uma nova prática pedagógica, comprometida com os problemas do contexto dos alunos, bem como de motivá-los a participar na resolução desses problemas.” (Figura 7).

Figura 7: Detalhe do trabalho de arrecadação de produtos para os idosos do Palácio da Sabedoria realizada pelos alunos. Respectivamente: campanha na internet; momento da visita para entrega dos artigos arrecadados.



Fonte: Arquivos de J. E. A. C.

Essas iniciativas fecundas refletem os impactos do trabalho em tela no sentimento de pertença dos alunos. Essa assertiva se alinha com a análise de Silva (2018, p. 133) ao destacar que “Os sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar possuem significados, sentidos e valores que são lapidados a cada momento.” Representa uma aproximação entre Gerontologia e Geografia, conforme asseveram Morais et al. (2014). Numa perspectiva aproximada Rego et al. (2000, p. 76) relataram que “Refletir sobre o ensino implica pensar sobre todos os elementos e sujeitos que constituem a prática pedagógica.” Aliado a essa interpretação Klug et al. (2015, p. 75) relataram que “[...] a tarefa do professor-pesquisador encontra na pesquisa, enquanto metodologia de ensino, um importante instrumento para que o aluno possa tomar consciência da presença da Geografia no seu cotidiano.”

A sugestão de arrecadar artigos para doação por ocasião da visita ao palácio da sabedoria, resultante de reflexões dos discentes no decurso do projeto é contemplado nas reflexões de Morin (2007, p. 26) ao salientar que “A reforma do pensamento contém uma necessidade social-chave: formar cidadãos capazes de enfrentar os problemas do seu tempo.” E empenhado em ligar e solidarizar conhecimentos desmembrados, integrando o local em sua totalidade. (MORIN, 2007).

Com referência a avaliação da aprendizagem transcorreu continuamente, observando-se o envolvimento, o desempenho e as habilidades dos discentes nas atividades desenvolvidas ao longo da execução do projeto. Em concordância com essa ideia Paz (2018, p. 249) lembra que a avaliação deverá “[...] levar em consideração a evolução da aprendizagem do estudante e ainda valorizar as várias formas de expressão dos mesmos (escrita, desenho, oralidade, entre outros).”

Por fim, usando o WhatsApp, “Grupo de Pesquisa Joãozinho”, lançou-se uma questão aberta para os alunos (as) opinarem sobre o projeto desenvolvido: Qual importância do projeto de pesquisa desenvolvido para sua vida? Vejamos algumas respostas obtidas: “O projeto nos trouxe além de muito aprendizado, o carinho com cada idoso, com cada pessoa que a gente dialogou. Sem falar na importância que é saber alguns direitos e deveres do idoso e os cuidados que devemos ter com ele”. Respondeu a aluna M. I. “Foi um momento de muita felicidade que passamos com os idosos. Eles ficaram felizes. São pessoas carentes de atenção. Escutei colegas falar que deu até vontade de ficar ali. Aprendemos muito.” Respondeu J. M. “O brilho que tinha nos olhinhos daqueles idosos ao ver nossa turma chegar foi de encher o coração de alegria. Cada sorriso, historia contada por eles ali foi um grande aprendizado. Fico grato por ter feito parte desse projeto.” Relatou M. F. O. O pensamento de Oliveira (2017) se coaduna com esses depoimentos ao destacar que é importante que o Ensino Médio tenha condições de preparar o discente para o Vestibular/ENEM, para o mercado de trabalho, mas também para exercer a sua cidadania, reivindicando seus direitos e cumprindo com os seus deveres, afirmar valores e estimular

ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana e socialmente justa. Outro aspecto digno de relato nas análises, por ser uma condição *sine quo non*, foi a execução do trabalho sem a necessidade de fontes orçamentárias diretas. Essa ideia tem respaldo “[...] na abordagem da Geografia do custo zero [...] proposta por Paz (2018, p. 161), uma vez que os procedimentos metodológicos adotados não demandam custo para a efetivação.

É importante ressaltar em todo itinerário do PEMEGE à atuação do professor na orientação e acompanhamento das atividades. Essa informação é apoiada por Moraes et al. (2014, 76) ao lembrarem que “[...] a mediação do professor é uma das formas de se educar [...].

4 Considerações finais

A pesquisa como ferramenta didático-pedagógica no âmbito da Geografia escolar, inquietação que moveu a execução do trabalho, proporcionou momentos de interação e criação de vínculos de amizade entre professores, alunos e entrevistados, além da construção do conhecimento individual e coletivo. Logo, contribuindo para superação de problemas muito recorrentes no ambiente escolar, em geral, caracterizado por professores como indisciplina. Enquanto os alunos justificam determinados comportamentos, a monotonia das aulas expositivas.

Foi possível identificar durante todo o processo que os alunos desenvolveram as atividades com autonomia, dedicação, criatividade, compromisso, responsabilidade e coletividade. Destarte, os objetivos foram alcançados, considerando os dados coletados, sistematizados e transformados em conhecimento individual e coletivo, a partir dos conteúdos apresentados nos seminários.

Outra possibilidade efetiva do trabalho é a replicação nessa e noutras unidades de ensino, com alunos das turmas que estiverem cursando o componente curricular envelhecimento da população.

O itinerário percorrido nesse trabalho, representa uma contribuição para o meio acadêmico e profissional da Geografia escolar, pela forma sutil de articulação entre teoria e

prática, concorrendo para que o objetivo delineado fosse alcançado. Logo, representa uma proposta habilitada à replicação.

5 Referências

AZAMBUJA, L. D. Trabalho de campo e ensino de Geografia. **Geosul, Florianópolis**, v. 27, n. 54, p 181-195, jul./dez. 2012.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **BASE NACIONAL CURRICULAR COMUM (BNCC). ENSINO MÉDIO**, 2017.

BRASIL. GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Referências básicas para a organização do trabalho pedagógico das Escolas Estaduais do Rio Grande do Norte**. São Paulo: VUNESP, 2018.

CAVALCANTI, L. S. **Trabalho Docente em Geografia, Jovens Escolares e Práticas Espaciais Cotidianas**. In: O Ensino de Geografia na Escola. Campinas: Papirus, 2015. p. 109-128.

DEMO, Pedro. **O Desafio de Educar pela Pesquisa na Educação Básica**. In: Educar Pela Pesquisa. 5 ed. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 5 – 53. (Coleção educação contemporânea).

DIESEL, A.; BALDEZ, A. L. S.; MARTINS, S. N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Themav**. Lajeado/RS, 14, n. 1, 2017. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4117719/mod_resource/content/1/Os%20princ%20C3%ADpi%20os%20das%20metodologias%20ativas%20de%20ensino%20abordagem%20te%20C3%B3rica.pdf>. Acesso em 29 de julho de 2020.

FARIAS, R, C. O trabalho de campo na perspectiva de ensino de geografia: uma revisão crítica a partir do cenário internacional. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 9, n. 17, p. 181-198, jan./jun., 2019.

KLUG, A. Q.; MOLIN, L. C; DIAS, L. C. Ensinar pela pesquisa: a educação geográfica e o papel do professor-pesquisador. **Revista**

de Ensino de Geografia. Uberlândia. v. 6, n. 11., p. 65-78, 2015.

LIBÂNEO, J. C. **O Planejamento Escolar**. In: Didática. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013. p. 245-273.

MAFRA, V. P.; FLORES, D. A. C. Trabalho de campo no ensino da geografia na educação básica: dificuldades e desafios para professores.

Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia-MG, v. 8, n. 15, p. 6-16, jul./dez. 2017.

MEDEIROS, J. A. O ensino de Geografia pautado nas fragilidades socioambientais e socioeconômicas de áreas de ocorrência da desertificação no semiárido brasileiro: 21 anos do Projeto Plantar. **Revista GEOTemas**. Pau dos Ferros, RN, v. 09, 2019. p. 59-76.

MEDEIROS, J. A.; AZEVEDO, B. K. G. **O ensino de Geografia numa perspectiva teórico-prática: um estudo das plantas nativas da caatinga**. São José do Seridó/RN: Editora dos autores, 2020.

MORIN, E. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MORAIS, I. R. D; GARCIA, T. C. M.; SANTOS SOBRINHO, D. M. (Org.). **Ensino de Geografia: ensino e práticas**. Natal: EDUFERN, 2014.

OLIVEIRA, A.M. A. O ensino de geografia no ensino médio: uma problematização Graduando em Geografia pelo CAMEAM/UERN. In: 1º Encontro Regional de Sustentabilidade e Políticas Públicas: Recursos Hídricos e Programas Sociais no Território do Semiárido/1º ERESPP Semiárido. Pau dos Ferros/RN. **Anais**, 2017.

PAZ, O. L. S. Aula de campo como um encaminhamento metodológico no processo de ensino-aprendizagem: aplicações a partir da geografia do cotidiano e do custo zero.

Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 8, n. 16, p. 242-267, 2018.

REGO, N.; SUERTEGARY, D.; HEIDRICH, A. **Geografia e educação**: geração de ambivalências. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000.

SILVEIRA, R. M. P.; CRESTANI, D. M.; FRICK, E. C. L. Aula de campo como prática pedagógica no ensino de geografia para o ensino fundamental: proposta metodológica e estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**. Campinas/SP. v. 4, n. 7, p. 125-142, 2014.

SILVA, I. J.; MACÊDO, H. C. O ensino de geografia e a convivência com o semiárido: estratégias didático-pedagógicas. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DA DIVERSIDADE DO SEMIÁRIDO - CONIDIS. Campina Grande/PB. **Anais**, 2017.

SILVA, A. M. S. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 8, n. 16, p. 130-141, jul./dez., 2018.

SILVA, E. A. C.; FURQUIM JÚNIOR, L. Geografia em rede, 2º ano Ensino Médio. 2 ed. São Paulo: FTD, 2016.

SILVA, F. E. S.; PINHEIRO, J. Geografia acadêmica e geografia escolar: a pesquisa como ponto de coesão. In: STANLEY BRAZ DE OLIVEIRA, S. B.; COSTA SOBRINHO, E. F. R.; WERTON FRANCISCO RIOS DA (Orgs.). **Ensino de Geografia**. São Raimundo Nonato/PI: FAM, 2018. p. 164-177.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 7ª edição. Editora São Paulo: Cortez; 1996.

TUAN, YI-FU. **Topofilia**: Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.